

GUERRA NA EUROPA: OS F-16 PODEM MUDAR A SITUAÇÃO A FAVOR DA UCRÂNIA?

Por Gabriel Camilli*



Pexels.

Os caças F-16 que devem começar a ser entregues à Ucrânia este ano não são de forma alguma uma solução milagrosa contra a Rússia.

De acordo com nossas observações e análises, do ponto de vista operacional podemos indicar que, devido aos intensos ataques aéreos estratégicos que a Rússia lança contra a Ucrânia aproximadamente a cada 14 dias, a pressão tornou-se muito elevada.

Perante isto, a OTAN decidiu fornecer sistemas adicionais de médio e longo alcance, como as baterias Iris-T e Patriot. O que não é suficiente para proteger completamente o território da Ucrânia: ainda existem muito poucas armas antiaéreas. Como resultado, os russos continuam sendo capazes de atacar infraestruturas críticas.

Em uma declaração conjunta em Washington, em 10 de julho, os chefes de estado da Dinamarca, dos Países Baixos e dos Estados Unidos afirmaram que o “processo de transferência” de caças-bombardeiros F-16 para a Ucrânia está “em curso”.

“Estes aviões sobrevoarão os céus da Ucrânia neste verão para garantir que Kiev possa continuar a se defender eficazmente da agressão russa”, acrescentou o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, na cúpula da OTAN na capital dos EUA.

FORNECIMENTO DE AERONAVES

Os Estados Unidos, a Holanda e a Dinamarca lideram um grupo de países que ajudam a fornecer caças à Ucrânia desde o ano passado, e outras nações aderiram desde então, incluindo a Noruega e a Bélgica. O número prometido à Ucrânia até agora é de cerca de 65, mas o líder ucraniano Volodymyr Zelensky diz que seriam necessários 128.

Autoridades norueguesas esclareceram na quarta-feira que a contribuição de Oslo cobrirá seis F-16, com previsão de início de entrega durante 2024, enquanto a Bélgica disse no início deste ano que seu país teria entregado um total de 30, também em diferentes parcelas ao longo do tempo. Por outro lado, a Holanda disponibilizou 24 dos seus F-16, sempre com prazos de entrega mais ou menos longos.

No total, portanto, até o final de 2024 estima-se que a Ucrânia poderá receber 20 F-16, mas um dos problemas é que o programa de treinamento de pilotos ucranianos leva tempo: segundo o Pentágono, no momento há pouco mais de 12 pilotos ucranianos estão treinando para pilotar caças na Dinamarca e nos Estados Unidos e, como apenas alguns deles se formaram no curso no final de maio, o número total é muito pequeno, disse Kiev.

No entanto, o secretário de Estado Blinken pode estar certo: os F-16 voarão na Ucrânia, mas não estarão prontos para o combate. Na verdade, o que foi dito poderia facilmente implicar que a entrega oficial dos caças ocorrerá neste verão, mas é muito provável que os pilotos ainda não estejam preparados para participar em operações de guerra.

Desde que começamos a falar sobre “caças ocidentais para a Ucrânia”, o autor desta coluna sempre considerou mais importante para o desfecho do conflito fortalecer os sistemas de defesa aérea ucranianos do que enviar aeronaves que requerem treinamento especial de pilotos e pessoal de terra, bem como a adaptação de bases aéreas para recebê-los.

Na verdade, ainda hoje se debate sobre a real eficácia futura do F-16 na frente, constatando-se que, sem medidas adequadas de defesa aérea, os caças seriam inúteis. Na verdade, deve ser lembrado que a Rússia tem implementado uma grande campanha de interdição de mísseis há semanas nas bases aéreas que possivelmente irão acolher os F-16: Mirgorod e Voznesensk são apenas dois dos aeroportos militares que estão sendo alvo de intenso bombardeio pela Força Aérea russa usando mísseis de cruzeiro.

OBJETIVO

O objetivo é claro: incapazes de atacar as bases aéreas da OTAN onde treinam os pilotos ucranianos, apesar das tão alardeadas ameaças do Kremlin, os russos não têm outra escolha senão atacar as ucranianas, tentando causar o máximo de danos possível e tirá-los preventivamente do combate antes da chegada dos F-16, forçando-os a operar a partir de bases muito mais distantes da frente e aumentando assim a possibilidade de descobri-los e abatê-los em voo.

É portanto claro que, para utilizar os poucos F-16 que chegarão este ano, a Ucrânia teria primeiro que garantir uma melhor defesa aérea capaz de neutralizar, ou pelo menos reduzir significativamente, a ameaça dos mísseis russos. Em segundo lugar, é claro que apenas 20 F-16, até ao final de 2024, não mudarão as regras do conflito, mas aumentarão as capacidades de ataque da Ucrânia se estiverem equipados com armas adequadas. O que devemos esperar nos próximos meses quentes de verão?

Talvez, como disse Blinken, os F-16 sejam entregues à Ucrânia – e não saberemos quando por razões óbvias de segurança – mas é muito mais provável que vejamos uma aceleração no processo de formação de pilotos, tentando envolver mais países a serem capazes de se formar mais ao mesmo tempo.

Também presente há algum tempo, a ideia de que a França poderia se mexer de forma autônoma e entregar alguns Mirage 2000 à Ucrânia (e talvez alguns Super Étendard... prestem atenção) no mesmo período de tempo em que serão entregues os F-16.

Embora os caças F-16 estejam no *grid* de largada para a guerra ucraniana, acreditamos que os jatos não são de forma alguma uma solução milagrosa contra as tropas russas.

NOVOS PROBLEMAS

Na situação atual da guerra ucraniana: a Força Aérea russa domina o céu. Com as atuais entregas de caças F-16, as últimas exigências de Volodymyr Zelensky estão sendo atendidas. Antes do anúncio, o presidente da Ucrânia pediu novamente uma entrega mais rápida de caças F-16 à Ucrânia, dizendo que estava esperando “como minha mãe depois da escola”.

A chegada é esperada porque, segundo os planos da OTAN, os caças F-16 podem causar um “confronto” com a Força Aérea russa e assim “atrapalhar” as operações russas.

Não esqueçamos que a atual guerra europeia produziu um desenvolvimento interessante de “engenhosidade militar”, razão pela qual há muitos mais fatores a analisar: Que tipo de F-16 chegará? Com que armas? Que tipo de radar terá? Como será toda a logística de apoio? E vários outros fatores que continuaremos analisando.

Os russos estão se preparando para combater esses anúncios sensacionalistas, por exemplo, equipando o Sukhoi Su-30SM2 (caça bimotor de dois lugares desenvolvido pela empresa russa Sukhoi. É um caça de superioridade aérea para todos os climas, para missões aéreas e interdição ar-superfície de longo alcance) com mísseis Vypmel R-37M, míssil hipersônico ar-ar russo de muito longo alcance.

Uma opinião que Christian Mölling também compartilha sobre o curso da guerra na Ucrânia. “O F-16 é um avião bom e relativamente barato”, afirma o especialista em segurança do Conselho Alemão de Relações Exteriores sobre o caça F-16, cujo preço ronda os 30 milhões de euros. Os caças multifuncionais poderiam ser

“realmente úteis para privar os russos de oportunidades”, explicou recentemente no podcast *The Situation – International*.

A incorporação deste material poderia limitar a capacidade das forças russas de realizar ataques aéreos desimpedidos na guerra na Ucrânia. O foco está no bombardeio da Rússia com bombas planadoras, que os bombardeiros russos disparam de longa distância contra seus alvos. A mera presença de caças ocidentais poderia influenciar o equilíbrio de poder no céu. Portanto, na atual situação da guerra na Ucrânia, a entrega de caças F-16 é urgentemente necessária, porque a Força Aérea russa continua a dominar os céus da Ucrânia no terceiro ano de guerra. Os caças F-16, com velocidade máxima superior a 2.100 km/h, poderiam pelo menos proporcionar algum alívio contra o domínio russo. Algum alívio, mas acreditamos que não serão um divisor de águas, como dizem no jargão.

Adicionando: No final deste artigo recebemos esta notícia: a Grécia está prestes a aposentar 32 caças F-16 Block-30 mais antigos e comprar até 40 aeronaves multifuncionais F-35 dos Estados Unidos.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
